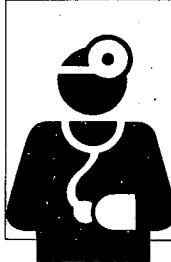


HRT poderá ser modelo para a população

Ana Cristina Gonçalves

O Hospital Regional de Taguatinga (HRT) poderá ser transformado em hospital terciário para solucionar o problema de saúde pública daquela região, que abrange ainda Ceilândia, Samambaia, Brazlândia e Gama. Desde que foi construída, Brasília tem apenas o Hospital de Base em nível terciário, e a necessidade da implantação de outra unidade no eixo Ceilândia/Taguatinga é visível, levando em consideração o crescimento da população e o projeto de expansão urbana do Distrito Federal, que também se dará naquele eixo.

Dentro da rede de saúde pública do Distrito Federal os Centros de Saúde são responsáveis pelo atendimento primário da população, os hospitais regionais pelo secundário e o Hospital de Base pelo terciário. Isso significa que os casos mais complicados, como um traumatismo craniano ou complicações cardíacas somente poderão ser tratados no Hospital



de Base que tem a neurocirurgia e um aparelho de cateterismo ou cineangiografia. "O hospital terciário é melhor equipado e tem tecnologia de ponta", explicou o diretor do HRT, Carlos Henrique Guidou.

De acordo com o diretor do HRT, a necessidade de transformação daquele hospital em terciário já é um consenso dentro do governo Roriz, necessitando apenas de investimentos por parte da União, da qual a área de saúde (assim como segurança e educação) depende financeiramente. "O Distrito Federal tem aproximadamente um milhão e 800 mil habitantes e deste total mais de um milhão estão nesta região", argumentou Carlos Guidou para justificar a necessidade do hospital terciário.

Estrutura — Construído há 20 anos, o HRT atende hoje a uma população cinco vezes maior que a da época: 500 mil habitantes. Mas se a população cresceu, os problemas cresceram na mesma proporção, sendo que as soluções são raras e em doses homeopáticas. No pronto socorro, onde são feitos 60 por cento dos atendimentos, existe a necessidade de uma reforma urgente, que é sempre adiada por não poderem de-

sativar o local, afirmou o diretor.

A grande concentração de pacientes no pronto socorro, segundo Carlos Henrique Guidou, é resultado de problemas sociais e culturais. Isso porque muita gente vai apenas para conseguir se alimentar e a maioria acredita que acabando com a dor, consegue a cura da doença. "É difícil explicar aos pacientes, a necessidade de procurar o ambulatório para uma consulta mais profunda, pois eles acham que uma injeção resolve tudo", contou o diretor. Por isso mesmo são feitos diariamente um mil 200 atendimentos no pronto socorro do HRT e apenas 500 no ambulatório.

Outro fator agravante da superlotação da emergência do HRT é o fato de a Ceilândia não ter as clínicas de Cardiologia e Ortopedia. Com isso, segundo levantamento da diretoria do HRT, 15 por cento do atendimento são feitos a moradores de Taguatingá, 15 por cento de Ceilândia, 40 por cento de Samambaia e o restante do Gama e Brazlândia, além do Entorno. "Por tudo isso é que os problemas realmente graves da emergência não têm sua devida atenção, pois os casos mais simples acabam atrapalhando", concluiu o diretor.